
Delirium Áudio Tour: pelo fio de Ariadne

Por Simone Carleto¹

[...] a cultura vem favorecida por todos aqueles que, conscientes de um conteúdo feio e tedioso querem escondê-lo com a assim chamada 'bela forma'. Com a exterioridade, a palavra, o gesto, o refinamento, o luxo, a educação, o observador deveria ser induzido a uma conclusão errada sobre o conteúdo: pressupondo que estejamos acostumados a julgar o interior do exterior. Parece-me, talvez, que os homens modernos se entediam demais uns com os outros e que no final achem necessário tornar-se interessantes com a ajuda de todas as artes (NIETZSCHE, Friedrich. *Schopenhauer como educador*. Campinas: Faculdade de Educação/ UNICAMP, 1999).

Escolhi o pensamento em epígrafe para buscar ilustrar o arcabouço teórico-estético de *Delirium Áudio Tour: um rito poético efêmero para transcendências urgentes*. Segundo o filósofo Nietzsche (Friedrich Wilhelm Nietzsche, 1844-1900), cuja obra representa parte do repertório-base de criação para *Delirium*, a tragédia refere-se, grosso modo, a uma complexa imponderabilidade dos seres humanos diante da realidade-acaso a que estão submetidos. Assim, todo e qualquer tipo de avaliação permanece suspenso. Do mesmo modo como exponho aqui uma perspectiva, de acordo com a proposição nietzschiana presente nesse trabalho artístico da *Cia do Trailer – Teatro em Movimento*, minha visão, dotada de ponto de vista (único e sempre parcial), poderá ser refutada em seguida. O processo de análise crítica da encenação, em princípio, seria já contraditório.

Em primeiro lugar, por dizer respeito à proposição da experiência de um rito. Nesse sentido, importa “o que nos acontece”, sendo ao mesmo tempo uma vivência individual (posto que a interpretação do fenômeno está circunscrita a

¹ Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.

certa arcabouço-interno-conceitual de cada participante) e coletiva (independente do nível de abstração que se pudesse alcançar havia um coletivo absolutamente presente por algumas condições dadas e estabelecidas).

Em segundo lugar, se, por um lado, cada imagem contemplada durante o espetáculo processional estaria aberta a múltiplas leituras, por outro, o conjunto da obra e suas camadas tornam-na palimpsestos, ou seja, provocam ressignificações de imagens, posturas e conseqüentemente percepções da realidade. O real, enquanto o que pode ser captado pelos sentidos, é aguçado por estímulos diversificados e complexos.

Em terceiro lugar, o que cada um(a) de nós faria e fará da experiência é um constante devir in-certo.

Uma coleira, recebida antes de iniciarmos o trajeto e os fones de ouvido que transmitiram o áudio-tour nos unia. Sem fala alguma, além da voz que nos conduz amorosamente em algo próximo de uma meditação, contemplamos imagens grotescas - no sentido do que representa os aspectos primitivos da natureza humana. Também estão presentes na construção das imagens os conceitos de iconoclastia e niilismo diante da cultura e de determinada mecanização da vida e dos seres. No ri(s)co da aventura, nos lançamos e lançam-se os artistas que compõem a ousada empreitada. Não apenas pela vulnerabilidade quase inerente a uma obra cênica dessa natureza, mas pelas nuances de imponderabilidade trágica da recepção do toque físico-emocional e desse corpus-tecido formado pela trama dramatúrgica.

Em uma importante criação *in situ* - e esta pesquisa criativa merece ser continuada para aprofundamento - os espaços da antiga fábrica Parahyba

¹ Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.

condensam parte da história da cidade industrial São José dos Campos e seus moradores-trabalhadores. Em fricção com esses elementos, o elenco nos faz olhar para nossa própria história, relacionando-a com parcela da história civilizatória da humanidade. Em uma suspensão do tempo cronológico, nos coloca no tempo *kairós*, o tempo qualitativo. Posiciona-nos, ainda, diante de reflexão acerca do tempo passado, presente e imediato.

No concernente à dramaturgia imagética, a figura do Minotauro poderia estar posicionada imediatamente antes de adentrarmos a uma espécie de “túnel do esquecimento” (ou seria a “cortina de abertura ao subconsciente”?). Considero o Minotauro imagem-chave da obra, significativa para apreensões singulares. Por todas as características elencadas, que impossibilitam uma única “classificação” da obra, compreendendo sua envergadura relacional, considero-a como labiríntica por excelência. Sua “costura” promove seu objetivo-subjetivo: o percurso-processo torna-se mais importante que a saída ou as conclusões às quais cada sujeito em contato com a obra pode chegar. Na amarração da narrativa outra figura fundamental é da Guia, assumida por duas atrizes durante o percurso. Com sua lanterna e seu caminhar paulatino e atento, nos conduz demonstrando os desafios, prazeres e perigos da jornada, como um tipo de alter-ego da voz do áudio. Ou seria o inverso?

O fio de Ariadne revela-se, apesar de oculto, nos trajetos personalizados de intersignificação que a obra provocará, afetando os fluxos de recepção da experiência, que é “pessoal e intransferível”. Polifônica, tal ressonância conecta-se, ainda, à metodologia de criação da obra, que contou com participação em partilha de processo promovido pela *Cia do Trailer*, com direção compartilhada entre André Ravasco e Marcelo Denny e dramaturgia de Vinícius Torres Machado.

¹ Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.



33º FESTIVALE

FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO

O núcleo estável da *Cia do Trailer* – composto por Caren Ruaro, Luan Fonseca, Gab's, Geovanna Terra, Carol Purccino, Giulia Scarpa e Diogo Cábuli - generosamente dispõe de seu acúmulo artístico-cultural, em conjunto com os participantes da trajetória de *Delirium*, o que demonstra o caminho de coerência rumo à permanência do grupo em diálogo efetivo com os contextos da cidade e da cena teatral.

Idealmente, o espetáculo poderia permanecer por um período estendido em cartaz, por tratar-se de importante ação pedagógica, privilegiando o contato com cada pessoa. Longe do lugar-comum, o trabalho aporta em lugar inovador com relação às chamadas ações culturais, e abre fendas para se chegar em outros tantos lugares. Parece, portanto, apontar para os processos de formação artístico-pedagógicos livres já iniciados em São José dos Campos e que poderão ser abraçados e impulsionados pela realizadora do Festivale, a Fundação Cultural Cassiano Ricardo, acertadamente incluindo na programação foco de atenção para esse relevante espaço de encontro.

¹Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.